

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
CENTRO DE ESTUDOS LATINO AMERICANOS SOBRE CULTURA E  
COMUNICAÇÃO

**A PRODUÇÃO DE FILMES DE HORROR DE BAIXO  
ORÇAMENTO EM SÃO PAULO**

**Daniel Pires Martins**

**Novembro  
2015**

**Daniel Pires Martins**

# **A PRODUÇÃO DE FILMES DE HORROR DE BAIXO ORÇAMENTO EM SÃO PAULO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à  
Universidade de São Paulo - Escola De  
Comunicações e Artes - Centro de Estudos Latino  
Americanos sobre Cultura e Comunicação como  
requisito parcial para obtenção do título de  
Especialista em Mídia Informação e Cultura sob  
orientação do Prof. Vinicius Souza

**Novembro  
2015**

# A PRODUÇÃO DE FILMES DE HORROR DE BAIXO ORÇAMENTO EM SÃO PAULO<sup>1</sup>

Daniel Pires Martins<sup>2</sup>

## RESUMO

Esta pesquisa analisa os tipos de filmes e curtas-metragens do gênero horror que são produzidos com baixo orçamento por cineastas independentes na cidade de São Paulo. Mesmo com pouca importância comercial no cinema nacional, o gênero atrai um público significativo e possui nomes conhecidos que se dedicam exclusivamente a esse tipo de narrativa. Para analisar esse tema, seguindo uma linha de pesquisa analítica, é traçado um paralelo entre o cinema nacional e suas vertentes, baseando-se em alguns críticos do cinema brasileiro como também em algumas referências de estudo do gênero, que teve seu auge no fim dos anos 1970. Por fim, o atual cenário das produções contemporâneas de horror é analisado de uma forma que continua seguindo a base de filmes produzidos com baixo orçamento e, em grande parte, em características amadoras.

**Palavras-chave:** Terror nacional. Cinema. *Trash movie*. Curta-metragem. São Paulo

## ABSTRACT

This research analyzes the types of films and short films of the horror genre that are produced with low budget for independent filmmakers in the city of São Paulo. Even with little commercial importance in the national cinema, the genre attracts significant public and has known names who are dedicated exclusively to this type of narrative. To analyze this issue following an analytical research line, trace a parallel between the national cinema and its variations, based on my some critics of Brazilian cinema as well as some gender study references, which had its heyday in the late 1970. Finally, we analyze the current situation of contemporary productions of terror that continues following the base of films produced on a budget, amateurish features.

**Key words:** Nacional horror. Cinema. Trash movie. Short film. São Paulo.

## RESUMEN

Esta investigación analiza los tipos de películas y cortometrajes de género de terror que se produce con bajo presupuesto para los cineastas independientes en la ciudad de São Paulo. Incluso con poca importancia comercial en el cine nacional, el género atrae público significativo y ha conocido los nombres que se dedican exclusivamente a este tipo de narrativa. Para analizar esta cuestión a raíz de una línea de investigación analítica, trazar un paralelo entre el cine nacional y sus variaciones, basadas en mis algunos críticos de cine brasileño, así como en algún tipo de referencias del estudio, que tuvo su apogeo a finales del 1970. Por último, se analiza la situación actual de las producciones de terror contemporáneo que sigue después de la base de la película producida con un presupuesto, en gran parte de las características de aficionados.

**Palabras clave:** Horror Nacional. Cinema. Película Papelera. Cortometraje. São Paulo.

---

<sup>1</sup> Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Mídia, Informação e Cultura

<sup>2</sup> Pós graduado em Mídia, Informação e Cultura

## INTRODUÇÃO

Falar do gênero horror no Brasil abre um paralelo grande entre produzir cinema profissional e cinema amador. Mas qual a diferença? O segredo para responder essa pergunta está em outra pergunta: onde estão os filmes de horror brasileiros nos cinemas? Certamente a resposta para isso vem juntamente com a pouca importância que a indústria dá para essa vertente cinematográfica. Ao analisar o cenário da produção de horror em São Paulo ou em qualquer outro estado brasileiro, encontra-se sempre o cineasta José Mojica Marins, que teve o auge da sua carreira nos anos 1970, quando mantinha o personagem de unhas grandes “Zé do Caixão” em aparições na TV. Muito antes disso, o diretor paulistano já produzia filmes de horror com baixo orçamento pela cidade, mas ainda não tinha sido reconhecido pelo grande público.

Analisar esse contexto cinematográfico em uma época em que nasce o cinema novo e contrasta com cinema da Boca do Lixo, a produção de filmes de horror também mostra que ainda há muito a se fazer para evoluir nesse sentido. Porém, não se sabe se realmente os diretores de cinema de horror no Brasil querem encarar o mesmo cinema de Mojica ou descobrir novas vertentes dentro do próprio gênero.

Essa pesquisa tem como objetivo analisar qual o sentido da produção de horror no Brasil e por que, mesmo com grandes dificuldades, os diretores insistem e continuam acreditando no gênero.

Passando pela produção de Mojica, é possível conhecer também o novo cinema do cineasta paulistano Marcos de Brito e um pouco do *trash* do capixaba Rodrigo Aragão, que atualiza o conceito do horror e leva sua obra a esferas internacionais.

### **O medo no cinema: O horror como gênero e seus subgêneros**

Antes de partir para as obras dos cineastas e as produções da cinematografia brasileira de horror, é necessário conceituar o que é o “horror” e diferenciá-lo de outros subgêneros que estão inseridos na mesma categoria, porém,

são sutilmente diferentes. De fato, há uma tênue diferenciação entre os termos “horror” e “terror”, importantes definições que auxiliarão um pouco no entendimento do segmento traçado por cada diretor.

A palavra “horror” deriva do latim e tem como significado “erizar” ou “ficar com o cabelo em pé” e Laura Cánepa (2008), em sua tese de mestrado, opta pelo termo e explica o sentido da palavra: “Porém, nesta tese, está se usando o termo *horror* para dar conta das categorias fantásticas e estranhas, levando em consideração de que os conceitos como “sobrenatural”, “misterioso” e “inexplicável” não são necessariamente precisos” (CÁNEPA, 2008, p.16).

Assim, o termo “horror” é usado para destacar a sensação causada no indivíduo após presenciar uma situação desconhecida, um contato com o inexplicável ou o com o que é misterioso e incomum. É o sentimento que vem após o terror. Segundo o escritor chinês Yi-fu Tuan, em seu livro “Paisagens do Medo” (2005), o terror é exatamente o momento em que se presencia o fato. Em um trecho, ele exemplifica a sensação de terror de uma criança ao sonhar que está sepultada viva: “Uma criança mais velha, durante o pesadelo, pode transferir a sensação de sufoco para o *terror* de ser enterrada viva. A sensação de estar presa a um lugar, à medida que se aproxima o perigo, é bastante comum nos pesadelos das crianças.” (TUAN, 2005, p.30).

Ver um assassinato, presenciar um estupro, estar sob a mira de um assassino, pode gerar momentos de terror. Ao lembrar-se do fato, o indivíduo entra em um estado de horror, de repulsa e até nojo. O horror em si é o mais usado para definir as produções do cinema fantástico<sup>1</sup>.

Para essa pesquisa, será usado somente o termo “horror” para definir o gênero em questão e “terror” para identificar a sensação que a produção em si venha a causar no espectador que consome este tipo de produção. Além disso, outros termos como *gore* e *trash* devem aparecer dentro do contexto cinematográfico de horror.

Ainda segundo trecho da tese de Cánepa, Mojica foi um dos que abusou desse subgênero, utilizando nas cenas de seus filmes um alto grau de violência e, atualmente, esse tipo de narrativa é chamada de *gore*:

---

<sup>1</sup> O teórico francês Gerard Lenne define como “Fantástico” tudo aquilo que é visto como incerto e desconhecido. (LENNE, 1974, p. 18 apud. Cánepa)

Mojica foi um dos pioneiros mundiais na produção do horror explícito, sendo hoje, considerado um dos “pioneiros”. [...] O pioneirismo de Mojica causou furor entre a crítica internacional quando seus primeiros filmes foram divulgados de maneira mais massiva nos EUA e Europa nos anos 1990. Os historiadores e fãs ficaram impressionados com o grau de violência nas obras do cineasta tupiniquim (CÂNEPA, 2008, p.137).

Verifica-se por essa afirmação que *gore* é usado para definir filmes com violência explícita, sangue jorrando na tela e mutilações. Já o *trash* é um termo usado como definição de filmes com características amadoras, mas que podem partir de um conceito do próprio diretor. Segundo Castellano (2011), o uso do termo serve para identificar o gênero:

Um produto pode ser considerado trash devido ao seu amadorismo ou o fato de ser “horrível”, o que naturalmente passa por um julgamento estético. Normalmente, tomam-se engraçados através de uma peculiaridade, amiúde associada à má qualidade técnica ou à discrepância das normas do “bom gosto” (CASTELLANO, 2011, p.253).

Assim, o *trash* pode ser uma produção com características amadoras, mas totalmente profissional, ou seja, o cineasta pode, propositalmente, escolher este modo de produzir cinema e, ao mesmo tempo, vender o seu filme e viver do ofício. Nessa pesquisa será usado o termo *trash* para identificar os aspectos amadores das produções de baixo orçamento e não aos conceitos de profissionalismo e mercado da obra em si.

Nessa linha do chamado baixo orçamento, há diversas vertentes que podem definir o que é baixo orçamento no cinema, especialmente no cinema de horror. Em uma das estatísticas de projetos que auxiliam a produção, o ProAc, mostra que o valor investido em um filme é considerado de baixo orçamento quando varia entre R\$ 400 e R\$ 800 mil reais. Um dos supervisores de projetos do “SP Cine”, Renato Nery, que trabalha com a seleção de projetos audiovisuais na cidade de São Paulo mostra que esse valor sempre é liberado aos produtores quando há capacidades de o filme ser finalizado. Ainda segundo Nery, o orçamento de um filme de grande distribuição varia entre R\$ 4 e R\$ 7 milhões. Nagib (2002) afirma que, mesmo depois do auge do cinema nacional, os filmes de baixo orçamento continuam com suas produções ativas:

Ultimamente, foram feitos alguns filmes chamados de baixo orçamento, até R\$ 900 mil. Há muita gente procurando essa linha de filme. O novo filme que Sérgio

Rezende e Mariza Leão produziram ficou em R\$ 400 mil. [...] O fato de se poder filmar em digital e depois kinescopar vai talvez baratear muito (NAGIB, 2002, p.189).

Nessa linha, é possível avaliar que o valor de mercado para a produção de um cinema de baixo orçamento não atinge R\$ 1 milhão e isso inclui produção e distribuição. Em sua análise, a autora afirma também que o cinema feito digitalmente pode baratear os custos de produção e esse orçamento pode também auxiliar a distribuição do filme.

### **O cinema de Mojica**

Para a massa, quando se fala em horror brasileiro, ou filmes do gênero produzidos nacionalmente, o nome que surge é o de 'Zé do Caixão', personagem do diretor José Mojica Marins, que abusou dos conceitos de filmes *trash* e uniu sangue e pornochanchada em suas produções.

Aclamado por suas unhas compridas e vestimenta fúnebre, o Zé do Caixão é um personagem marrento criado no início dos anos 1960, quando Mojica viu o auge de sua carreira com o filme "À Meia-Noite Levarei Tua Alma" (1964), que o consagra como um grande diretor do gênero. Porém, não foi assim que a carreira de Mojica deslanchou. Barcinski e Finotti (1998) afirmam que o diretor paulistano dirigiu filmes de gêneros bem diferentes e só viu o sucesso aparecer por aqui com a criação de um personagem revoltado e macabro.

No fim dos anos 1980, Mojica já era considerado um ícone do terror nacional, porém não eram os seus filmes que faziam sucesso e sim o seu personagem, oriundo de suas produções. Vestido de preto e com unhas enormes, Mojica criou o Zé do Caixão para ser o protagonista de seu filme de 1964. Com a falta de um ator que fizesse jus ao papel, Mojica vestiu-se de preto, colocou uma cartola com uma capa e enfrentou o personagem que nasceu após um pesadelo, no qual ele era puxado por um espectro negro até o seu túmulo.

O diretor já havia trabalhado em sete filmes antes de estreiar com o Zé do Caixão. Entre eles, "A Mágica do Mágico" de 1945, que foi o seu primeiro longa-

metragem não profissional e “A Voz do Coveiro”, de 1948, uma fita que já mostrava a faceta de Mojica para o cinema de horror.

Nascido na Vila Mariana em São Paulo, Mojica chegou a morar nos fundos de dois cinemas da capital paulista. Em uma delas, no Cine Santo Estevão na Vila Anastácio, Lapa, onde seu pai trabalhava como gerente, Mojica despertou seu interesse pela sétima arte e começou a gravar um filme, após ganhar uma câmera 12 mm profissional, que contava uma história no estilo faroeste e que não agradou aos padres da região por conter cenas de mulheres nuas. Nesta nuance de ganhar dinheiro para produzir filmes, Mojica começou a dar ouvidos para os formadores de opinião na época, que eram formados por padres e gestores de cinemas de bairro. Foi quando produziu o segundo longa profissional “Meu Destino em Tuas Mãos” (1963), um musical infantil que mostra crianças pobres fugindo da violência doméstica.

Ambas as produções foram um fracasso de audiência. A partir daí, Mojica não quis mais ouvir os tais formadores de opinião e palpiteiros de sua obra e resolveu apostar naquilo em que realmente via futuro: o horror.

Partindo de um princípio de gênero, Mojica definiu que precisava ter em seus filmes algo que causasse repulsa nos espectadores. Sangue, violência e o medo da morte foram alguns dos elementos que ele pensou para definir o pânico no público, porém não parou por aí. Mojica realizou uma espécie de ‘teste’ com um elenco, em que cada participante teria de ser submetido a situações constrangedoras e de certo pavor: “As tarefas foram crescendo em extravagância: Mojica escolheu uma candidata e a trancou em um caixão por meia hora; outra teve que enrolar uma jiboia no pescoço, uma terceira foi obrigada a tomar champanhe dentro de um crânio de uma caveira”. (BARCINSKI; FINNOTTI, 1998, p.180).

Os testes eram acompanhados de perto pela imprensa e, na manhã seguinte, os jornais nomearam os testes de Mojica como ‘sádicos e sinistros’ (Folha de S. Paulo, 1967).

Foi uma jogada de mestre e, por isso, os seus filmes foram considerados horror somente por trazer às produções o mesmo estilo dos testes que o cineasta fazia com o elenco, antes do filme, levando-os a um estado de pânico.

Em 9 de novembro de 1964, estreava nos cinemas de São Paulo o filme “À Meia-Noite Levarei Tua Alma”. Para a produção do longa, Mojica havia vendido o

carro da família e estava atolado em dívidas e, por isso, vendeu os direitos do filme ao ator Ilídio Simões, que lucrou o dobro ao vender o filme para investidores.

A estreia do filme supracitado foi um sucesso, atraindo centenas de pessoas à sala de cinema Art Palácio em São Paulo. Mojica estava em um bar embriagando-se por não poder desfrutar dos resultados que o filme iria acumular com o tamanho sucesso já em sua estreia.

Na biografia “Maldito”, o filme de Mojica é classificado como uma mistura entre religião e paganismo, latentes entre o público da época:

Os filmes de Mojica apresentam um ponto de vista enraizado em uma cultura católica, misturado com uma fascinação paradoxal com vodu e superstição. Zé tem uma filosofia, talvez perversa e desprezível, mas que torna seus filmes mais assistíveis do que algum projeto banhado em violência somente para faturar um trocado (BARCINSKI; FINNOTTI, 1998, p.376).

Nesse cenário de precariedade do terror nacional, Mojica não foi o único que viu a sorte passar perto de si e não pôde, então, desfrutar dela. Até hoje, o chamado baixo orçamento, que tanto perseguiu as obras de Mojica, continua rodeando as produções de mesmo gênero que brigam por um espaço nos cinemas da cidade.

Para a produção de “À Meia-Noite Levarei a Tua Alma”, Mojica exigiu dos próprios atores que cada um colaborasse com cem mil cruzeiros, visto que o filme custou seis milhões de cruzeiros.

Nessa vertente, percebe-se que a precariedade de patrocinadores do cinema de horror já era uma realidade desde os anos 1960, em que diretores acabavam vendendo seus próprios bens para custear a produção de um filme.

Segundo a tese “Medo de que? Uma história de horror no cinema brasileiro” de Cánepa (2008), isso pode ser exemplificado também com o caso do estilo de cinema feito no movimento “Boca do Lixo”, em que um grupo de pessoas se reuniu em São Paulo para mostrar as mazelas da sociedade por meio do cinema e beberam muito da fonte de Mojica, que produzia quase sem verba.

## **O cinema de horror em São Paulo**

Segundo a tese de Cánepa (2008), o movimento “Boca do Lixo” nasceu no final da década de 1960, em Santa Ifigênia, bairro que era conhecido pelo mesmo

nome, próximo à Estação da Luz. O grupo desenvolveu um mercado de produção, distribuição de produções cinematográficas e começou então a produzir com orçamento zero, filmes que retratavam os esquecidos pela sociedade e as precariedades da cidade, ficando conhecida, na prática, como cinema marginal, que ia como contraponto ao cinema novo. Esse movimento levou a uma nova vertente de produção a ser produzida na capital atualmente, com outros diretores como Marcos de Brito, que dirigiu o filme “Condado Macabro”. O diretor também enfrentou dificuldades na hora de gravar. Confinados em uma casa no Mato Grosso, a equipe seguiu a linha de Mojica ao expor atores ao cansaço físico e mental para atuar em um filme de horror de baixo orçamento, gravando por quarenta horas sem intervalos. Em “Condado...” foram gastos cerca de R\$ 20 mil, valor considerado quase nulo na produção de um filme que busca ganhar as salas de cinema. Segundo análise do próprio diretor, “essas produções não chegam ao público convencional principalmente por falta de investimentos na divulgação.”

Para divulgação, “Condado Macabro”, que deve estreiar em algumas salas de cinema em novembro, foi contemplado pelo Programa de Ação Cultural, o ProAC, com um valor de R\$ 290 mil.

Há ainda outros desafios no momento de divulgar o filme internacionalmente. Mesmo com a pretensão em divulgar o “Condado” na Inglaterra, EUA e alguns países da Europa, os custos são altos, próximos de R\$ 500 mil.

Nessa linha de divulgação, de Brito entrou em contato com outro diretor brasileiro, o capixaba Rodrigo Aragão, para interceptar os contatos com produtores americanos para a divulgação do filme por lá. Uma dessas produtoras é a norte-americana “One Eyed”, que cuida dos direitos de Joe Coffin, o Zé do Caixão, nos EUA. Produtores se interessaram pelo projeto.

Um dos produtores dessa empresa, o Ivan Cardoso, conhece a receptividade do gênero nos EUA e afirmou que o filme de Marcos pode atrair público nos cinemas americanos, por isso, pediu uma cópia do filme para avaliação. Aragão também é um dos diretores que se aventura no cinema independente e produz filmes no estilo ‘trash’ por aqui. Com enquadramentos, atuações e edição com caracterizações amadoras, o capixaba se destaca em festivais internacionais.

Entre suas produções estão “Mangue Negro”<sup>2</sup> e “Fábulas Negras”<sup>3</sup>, feito em parceria com Mojica. Os filmes de Aragão viajam pelo sobrenatural e apostam no grotesco para causar medo, indo do terror ao horror em questão de segundos. Banhos de sangue, cabeças cortadas e monstros do folclore brasileiro ganham uma nova roupagem no horror, em roteiros simples e gravados no meio do mato. Nenhuma das produções de Aragão possui efeitos especiais ou monstros produzidos por computador.

A aceitação de Aragão aqui no Brasil ainda é pequena, pois o diretor segue a mesma linha de Mojica. O público, ainda não acostumado com muito sangue e pessoas esquartejadas, aceita pouco essa vertente do cinema trabalhada pelo diretor. Porém, Rodrigo tem boa aceitação no Japão, Alemanha e EUA, por isso uma das alternativas de Marcos de Brito foi ter os produtores do diretor capixaba como aliados. Em uma entrevista cedida ao jornal “O Globo”, Aragão afirmou que aqui no Brasil ainda há muito preconceito com o gênero:

Aqui, o mercado não me dá espaço. Corri atrás de 20 distribuidoras, oferecendo meus filmes, topando até que fossem direto para DVD. Mas o preconceito contra quem faz cinema de gênero, sobretudo o terror, é grande. Faço filmes baratos, sem edital, e tenho reconhecimento no exterior. Mas as vias oficiais não me abrem portas (ARAGÃO, 2013).

Os filmes de Aragão passeiam pelos mitos e crenças populares, que levam o espectador a uma vertente do horror *trash* mais contemporânea pelo ponto de vista brasileiro.

Outros diretores como o paulistano Dennison Ramalho (Amor Só de Mãe, Ninjas), e o também paulistano Jefferson Dê (O Amuleto, Brothers) conseguiram alcançar um patamar mais alto no momento de captação de recursos e levaram suas produções de terror para as telas de cinema comerciais, embora os espaços de exibição fossem restringidos devido à baixa procura de público.

Outro diretor que se aventurou na produção de terror foi o carioca Marco Dutra, que apresentou aos espectadores com a fita “Quando Eu Era Vivo” que foi um verdadeiro fracasso de público, sendo exibida em apenas duas salas na capital e

---

<sup>2</sup> Disponível em Youtube: <<https://youtu.be/8beEAEic9Qo>>. Acesso em: 15 out. 2015.

<sup>3</sup> Página do Facebook: <<https://www.facebook.com/FabulasNegrasFilme>>. Acesso em: 15 out. 2015.

atingindo cerca de cinco mil pessoas, mesmo tendo no elenco atores como Antônio Fagundes e a cantora Sandy.

Uma das alternativas de Marcos de Brito, de “Condado Macabro”, foi aliar ao horror elementos de comédia e um suspense que possa prender o público. A produção, diferente dos filmes de Aragão, possui ângulos profissionais e correções de cor cinematográficas e, por isso, foi bem aceito no projeto apresentado ao ProAC.

O diretor afirma ainda que buscou referências em filmes americanos como “O Massacre da Serra Elétrica” (1974) que também é um filme independente e narra a história de jovens que são mortos brutalmente por um psicopata munido de uma serra elétrica.

“Condado...” foi gravado em 16 mm e busca uma estética mais “suja”, mas foge dos conceitos de *trash*, provenientes de Mojica e do atual Rodrigo Aragão.

Um dos protagonistas é o ator Leonardo Miggiolin, que atuou em novelas da TV Globo, como ‘O Clone’ e, na trama, é um dos jovens que é perseguido por um palhaço assassino. De Brito afirmou que a escolha de um ator famoso não foi proposital, mas ajudou na produção do filme no momento de buscar patrocínios.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo com uma produção significativa – e poderíamos dizer ‘guerrilheira’ – o gênero de horror no Brasil está em ascensão. Visto pelo ânimo que os novos diretores estão trazendo ao cenário, o público parece aceitar essa nova vertente que se mostra promissora no cinema, embora ainda haja preconceito com o gênero no Brasil. Baseando-se nesse pequeno artigo, é possível concluir que os diretores acreditam que o gênero horror está conquistando seu espaço no mercado nacional e que vale a pena investir nele, tanto para um futuro próximo como para uma avaliação de aceitação neste momento.

Creio que o gênero não é pouco explorado nacionalmente, mas não conta com investimento significativo, o que impossibilita e dificulta novas produções. Mesmo com o conceito de baixo orçamento, os filmes de horror nacional chegam a custar em torno de R\$ 400 mil, valor muito abaixo da média de produções de baixo orçamento americanas, cujo valor ultrapassa US\$ 1 milhão. Apesar disso, o baixo orçamento no Brasil ainda é alto, visto por diretores que gravaram seus filmes com

R\$ 20 mil no bolso e somente depois disso foram atrás de orçamento para distribuição.

Assim, mesmo com todo o trabalho de captação de recursos e implicações na produção cinematográfica, os diretores estão surgindo e inovando em criatividade, o que está levando o horror no Brasil a um outro patamar, ou seja, com a falta de dinheiro, os diretores estão inovando e produzindo filmes de qualidade com custos baixíssimos.

Podemos até nos questionar o motivo que está levando tantos diretores a ainda continuarem apostando em um gênero que demora a deslanchar. A resposta pode estar no desafio, em produzir mais com menos, como sempre foram as produções de horror aqui no Brasil.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. A indústria cultural. IN: COHN, Gabriel (org.). **Comunicação e indústria cultural**. 2. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1975. 406 p.

ARAGÃO, Rodrigo. **Rodrigo Aragão finaliza trilogia do terror com Mar Negro**. 03 de Fevereiro de 2013. Reportagem de Rodrigo Fonseca. Disponível em: <[www.oglobo.globo.com/cultura/rodrigo-aragao-finaliza-trilogia-de-terror-com-mar-negro-7477047](http://www.oglobo.globo.com/cultura/rodrigo-aragao-finaliza-trilogia-de-terror-com-mar-negro-7477047)>. Acesso em: 28 out. 2015.

ARANTES, Antonio A. **O que é cultura popular**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BARCINSKI; FINNOTTI, André, Ivan. **Maldito - A vida e o cinema de José Mojica Marins, o Zé do Caixão**. São Paulo: Bluecom; São Paulo: Editora 34, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **A cultura no mundo líquido moderno**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BORNHEIM, Gerd. **Cultura Brasileira**. Tradução Bebel Orofino Schaefer. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1997.

CÁNEPA, Laura Loguercio. **Medo de Quê? Uma história de horror nos filmes brasileiros**. Disponível em: <[www.bibliotecadigital.unicamp.br/document](http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document)>. Acesso em: 02 set. 2015.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**; tradução Sandra Castello Branco, revisão técnica Cezar Mortari – São Paulo/Editora UNESP, 2005.

FELINTO, Erick. Os computadores também sonham? Para uma teoria da cibercultura como imaginário. **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 15, p. 1-15, julho/dezembro 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MALDITO: O estranho mundo de José Mojica Marins. Direção de André Barcinski. Brasil, 1998. Internet (65 min), son., color., leg.

MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo crítico**. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2000.

NAGIB, Lúcia. **O cinema da retomada**: depoimentos de 90 cineastas dos anos 90. São Paulo: Editora 34, 2002.

TUAN, Yi-fu. **Paisagens do medo**. São Paulo: Editora Unesp, 2005.